



## ***Faladores – a oralidade através dos tempos***<sup>1</sup>

Fernanda Torquato Braga Silva<sup>2</sup>

Universidade Federal de Viçosa

### **Resumo**

O presente artigo pretende fazer uma discussão teórica a respeito da relação existente entre dança - principalmente a dança contemporânea - e a área da comunicação. Para exemplificar essa relação proceder-se-á uma análise do espetáculo de dança *Faladores* da Companhia Mário Nascimento sob a ótica dos conceitos Oralidade Primária, Escrita e Informática, propostos pelo filósofo da informação Pierre Lévy (1993).

### **Palavras-chave**

Comunicação; dança; Pierre Lévy; oralidade;

### **Introdução**

A dança sempre foi considerada um meio de comunicação e de expressão por todos os povos. Através dos movimentos, ritmos, sequências significativas, cenários e figurinos a dança transcende o poder das palavras. Toca o coração das pessoas.

Apesar de encarada por alguns como um simples divertimento, desprovida de conteúdos e mensagens, essa expressão da arte pode servir para outros fins. É possível educar por meio da dança e é possível se comunicar dançando. “A dança dá sustentação, força e sentido aos pronunciamentos verbais e posições no espaço que o homem executa ao se relacionar com o grupo.” (GAIARSA, 1995 apud PETO, 2000).

Alguns estilos de dança fundamentados em códigos rígidos como é o caso do ballet clássico. Existem também aqueles que têm características muito peculiares, como a dança de rua e o jazz. Entretanto, a dança contemporânea é muito ampla, reflete

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Estudos Interdisciplinares da Comunicação, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

<sup>2</sup> Estudante do sétimo período do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa.  
Email: fernanda.torquato@ufv.br



dúvidas, questões, problemas atuais, contemporâneos, mudanças culturais, econômicas, políticas e tecnológicas que acontecem aceleradamente. Ela ainda está em busca de uma identidade própria - talvez nunca a encontre – de formas de expressão que a caracterizem.

Mário Nascimento, coreógrafo de dança contemporânea, acredita que “já que a dança contemporânea é muito nova ela ainda está em fase de construção, não podemos caracterizá-la como um estilo, além disso, ela não é um conceito fechado, influências dos outros tipos de dança são muito fortes.” (NASCIMENTO, 2009)<sup>3</sup>

Podemos dizer ainda, que a dança contemporânea é uma manifestação cultural marcada por intercâmbios com outras artes - teatro, do cinema, da literatura – com a mídia e a ciência, pela pluralidade de formatos e conteúdos simbólicos. Como linguagem, a dança se renova constantemente adotando novos elementos, buscando técnicas distintas de movimentação e adotando novas tecnologias no processo de criação, de pesquisa e/ou no espetáculo.

Um exemplo de companhia que trabalha com a dança contemporânea é a Cia Mário Nascimento, que há dez anos cria espetáculos que falam sobre diversos assuntos, principalmente ligados a vida e ao cotidiano das pessoas. No ano de 2008, a Cia estreou o espetáculo *Faladores* com patrocínio da Petrobras através do Programa Petrobras Cultural e da Lei de Incentivo à Cultura do Governo Federal. A direção e a coreografia são de Mário Nascimento, a trilha sonora de Fábio Cardia e a assistência de direção e de coreografia de Rosa Antuña.

É a partir desse espetáculo que será feita uma análise da relação da dança contemporânea com a comunicação principalmente de acordo com os conceitos, oralidade, escrita e informática, elaborados pelo teórico da comunicação Pierre Lévy em sua obra *As Tecnologias da Inteligência – o Futuro do Pensamento na Era da Informática* (1993).

### ***Faladores e a oralidade primária***

O espetáculo *Faladores* aborda o tema da comunicação e leva para o palco diversas formas de se comunicar, por exemplo, através do som, da música, da palavra, poesia, da dança e do movimento. Traduz a necessidade do homem em se expressar e,

---

<sup>3</sup> Conceito apresentado pelo coreógrafo em oficina ministrada no curso de Dança da Universidade Federal de Viçosa, no dia 20 de março de 2008.



apesar das barreiras, se fazer entender. “*Faladores* é a arte como seu principal objetivo: comunicar.” (NASCIMENTO, 2008)<sup>4</sup>

O grupo de oito integrantes da Cia pesquisou uma “linguagem” própria de comunicação com palavras e códigos sonoros. Surgiram desse exercício as expressões *Eh momoá!* e *A xi a ché!* Expressões que fazem parte de um dialeto inventado, o “momoês”, que está presente no espetáculo assim como diversos outros códigos, ou línguas. Em cena os bailarinos falam em português, alemão, inglês, espanhol e francês.

O espetáculo foi concebido a partir de fundamentos teóricos e conceituais retirados dos livros *Performance, Recepção e Leitura* de Paul Zumthor e *O Ator Invisível* de Yoshi Oida. Desse último livro, foi extraída a base para um trecho do espetáculo, o capítulo 4 – A fala - deu origem a um trecho do espetáculo no qual os bailarinos falam em diversas línguas e a bailarina Rosa Antuña vai “traduzindo” o texto pra uma língua ininteligível, enquanto os outros vão se movimentando, buscando algum sentido pra tudo isso com seus corpos.

Em cena, os artistas influenciados pela dança, música e teatro, buscam dialogar entre si e com o público, utilizando a arte como seu meio de comunicação. Em várias partes do espetáculo, os bailarinos empunham um microfone e estabelecem diálogos, muitas vezes, com um caráter engraçado que faz a platéia interagir em forma de risos e gargalhadas.

Esses artistas precisam se adequar física e intelectualmente a proposta do coreógrafo, pois precisam transformar seus corpos em instrumentos de demonstração das ideologias, conceitos e sentimentos que a coreografia pretende mostrar ao público.

De acordo com Denise Siqueira, em seu artigo sobre dança contemporânea no Rio de Janeiro dos anos 90, “Independente da vontade ou da intenção do artista, um espetáculo é um evento de comunicação. (...) O processo de comunicação está implícito nos espetáculos, nas reações do público, na interferência do intérprete na obra do criador”. (SIQUEIRA, 2007, p.13)

Um espetáculo em geral, e principalmente *Faladores*, se constitui em uma relação de comunicação extremamente aberta. E o público e a crítica de arte confirmam essa relação, pois interpretam a proposta do espetáculo de acordo com o seu universo simbólico. Geralmente, são observadas distintas interpretações entre o público e a crítica que muitas vezes não coincidem com a intenção do coreógrafo.

---

<sup>4</sup> Trecho retirado do folheto explicativo do espetáculo.



Alguns exemplos podem ser citados como o da crítica de dança Helena Katz. Ela faz uma abordagem do espetáculo *Faladores* ligada a um elemento técnico, a relação entre queda e recuperação marcante no espetáculo.

Os corpos caem sempre, e nesse constante cair, de repente, a vermelhidão do linóleo sobre o qual eles dançam ganha outro sentido. (...) Que o chão se espacializou e invadiu a verticalidade. E que, por isso, os corpos caem, mas não como interrupção dos movimentos. O chão não é um lugar de repouso. Os corpos caem porque cair é somente mais um dos seus gestos. Cair se equivale a estar de pé. (KATZ, 2008) <sup>5</sup>

Já a proposta do grupo, ou intenção do coreógrafo, que se encontra no programa explicativo<sup>6</sup> distribuído ao público, traz informações sobre o espetáculo com outro caráter, observa-se uma abordagem diferente da crítica:

*Faladores* é movimento, gesto, palavra e ritual. A oralidade como performance e a performance como definição de comunicação, dando ênfase à natureza da linguagem oral e gestual. O gesto e a palavra como sensações humanas e forma eficaz de comunicação poética e dramática. (NASCIMENTO, 2008)

Esse é o foco principal de *Faladores* desde a sua concepção e criação: a Oralidade. Entretanto outras abordagens não se verificam errôneas e só confirmam o caráter plural de um espetáculo de dança, que sugere várias interpretações.

De acordo com Pierre Lévy (1993) essa oralidade remete ao papel da palavra antes que uma sociedade tenha adotado a escrita. Esse tipo de oralidade, chamada de oralidade primária, caracteriza sociedades em pequeno estágio de evolução tecnológica e está presente no espetáculo quando os bailarinos se movimentam em círculos e batem os pés no chão para produzirem sons, assim como as tribos faziam em seus rituais.

Outro ponto fundamental em que a oralidade primária está presente é na utilização de instrumentos durante todo o espetáculo, além de músicas cantadas pelos próprios bailarinos. Em cena eles se utilizam de um violão, um cajon<sup>7</sup>, um pandeiro, um

---

<sup>5</sup> Helena Katz | Caderno 2 – Estado de São Paulo – Quarta feira, 19 de novembro de 2008.

<sup>6</sup> O programa explicativo, muitas vezes, se torna necessário para complementar de forma verbal, um evento de comunicação construído com movimentos corporais, não-verbais.

<sup>7</sup> O Cajon é um instrumento de percussão de origem peruana. Sua criação está relacionada aos escravos peruanos, que após suas jornadas de trabalho sentavam-se em caixas de madeira, que usavam para carregar frutas e pescados, e batiam nelas, tirando um som. Após algum tempo, esse instrumento foi adotado pelos espanhóis, que o adaptaram ao flamenco.



violino, uma gaita, três alfaias e três didgeridoos<sup>8</sup>, esses últimos produzem sons característicos de elefantes, uma referência as relações sonoras de animais na natureza. Relações que os homens procuraram reproduzir, auxiliando na construção de sua própria linguagem.

A utilização desses instrumentos em cena pode significar a busca de novas formas de comunicação, formas ligadas aos sons dos instrumentos; tentativas de se comunicar com os corpos dos bailarinos e fazê-los dançar conforme a música.

No decorrer do espetáculo observamos uma forte presença do dialeto “momoês”, construído pelo grupo de forma semelhante aos dialetos criados por povos primitivos e que ainda podem ser observados em tribos indígenas.

O “momoês” utilizado junto aos gestos e aos movimentos dos bailarinos possibilita que o público compreenda as relações elaboradas e desenvolvidas pelo grupo, de certa forma entendendo o que o dialeto quer dizer. Segundo o coreógrafo, ao fim de algumas apresentações, o público saiu dos teatros reproduzindo a linguagem proposta pelo grupo. Foi possível ouvir as expressões *Eh momoá!* e *A xi a ché!*

Segundo o professor e coreógrafo Rudolf von Laban, expoente da dança moderna, a dança e a linguagem possuem uma grande relação.

A dança como composição de movimento pode ser comparada à linguagem oral. Assim como as palavras são formadas por letras, os movimentos são formados por elementos; assim como as orações são compostas de palavras, as frases da dança são compostas de movimento. (LABAN, 1990, p. 32)

Isso pode ser observado nas sequências de movimentos dos bailarinos que juntas têm um significado. Observa-se que os bailarinos constroem uma linguagem particular cheia de sentidos e significados próprios através dos movimentos. Cada sequência, cada cena é significativa, tem um por que, uma função de transmissão da linguagem e de diálogo com o público. Essas sequências de movimentos corporificam os pensamentos e possibilitam que eles se tornem parte da memória de seus criadores.

“As representações que têm mais chances de sobreviver em um ambiente composto quase que unicamente por memórias humanas são

---

<sup>8</sup> Instrumento de sopro dos aborígenes australianos. É um aerofone, ou seja, um instrumento onde o som é provocado pela vibração do ar. O didjeridu é um instrumento muito antigo. Estudos arqueológicos baseados em pinturas rupestres sugerem que o povo aborígine da região de Kakadu já utilizava o didjeridu há cerca de 1.500 anos.



aquelas que estão codificadas em narrativas dramáticas, agradáveis de serem ouvidas, trazendo uma forte carga emotiva e acompanhadas de músicas e rituais diversos”. (LÉVY, 1993, p. 83)

Assim é a oralidade primária que encontra na palavra e nos movimentos uma função de gestão da memória social e não apenas a livre comunicação das pessoas ou a comunicação prática cotidiana.

Nas culturas orais a inteligência se encontra identificada com a memória, sobretudo com a auditiva como citado anteriormente pelo coreógrafo, quando o público reproduz o dialeto ele está contribuindo para a formação de uma memória daquilo que ele acabou de ver e ouvir no teatro.

Essas sociedades orais se utilizam de estratégias mnemônicas para fortalecer a memória de longo prazo, algumas dessas estratégias são elaborar proposições ou imagens que se constituem na construção de vias de acesso as representações. Elaboraões envolvendo causa e efeito são bastante eficazes, bem como a intensidade e a implicação emocional. “Quanto mais estivermos pessoalmente envolvidos com uma informação, mais fácil será lembrá-la”. (LÉVY, 1993, p. 81)

No espetáculo essas associações podem ser observadas nas sequências coreográficas dos bailarinos, através de conexões de causa e efeito, principalmente quando um bailarino toca um instrumento para que o outro dance, possibilitando um diálogo, há uma “dependência” entre eles e juntos constroem uma narrativa significativa.

Diante de representações ricamente conectadas entre si, proposições que fizerem referência a domínios concretos e familiares e por fim, temas ligados a “problemas da vida”, ou seja, com alguma ligação emotiva, observamos elementos que remetem a construção de um mito, que codifica sob forma de narrativa algumas das representações que parecem essenciais aos membros de uma sociedade.

Isso pode ser observado na construção da sociedade dos *Faladores*, o grupo cria em cena representações, proposições, e elementos que fazem com que o público reconheça aquela como uma sociedade particular, com um dialeto próprio, gestos, movimentos e expressões particulares.

Essa dramatização, personificação e esses artifícios narrativos diversos não visam apenas entreter o espectador, mas são condições *sine qua non* da perenidade de uma cultura oral, no caso da sobrevivência da sociedade de *Faladores*. “Nessas culturas qualquer proposição que não seja retomada, repetida e em voz alta tende a desaparecer.



As rimas e os ritmos dos poemas e dos cantos, as danças e os rituais têm uma função mnemótica.” (LÉVY, 1993, p. 82). E de certa forma, o grupo propõe uma crítica a sociedade que vem perdendo as características da cultura oral, para isso retoma e valoriza a importância da oralidade na própria concepção do espetáculo.

O espetáculo se caracteriza por ser aberto, na medida em que pode ser entendido de diversas formas pelo mesmo público e, além disso, pode ser apresentado com variações em diferentes lugares. Bailarinos podem ser substituídos, sequências modificadas e melhoradas, cenas extraídas e outras acrescentadas. Isso vai de encontro com a definição do tempo da oralidade primária para Pierre Lévy (1993), segundo ele, o tempo da oralidade primária é o devir, as coisas mudam, as técnicas se transformam, as narrativas se alteram. “A transmissão é sempre recriação”. (LÉVY, 1993, p.84)

### ***Faladores e a escrita***

Para sociedades um pouco mais evoluídas das que as orais, em termos de tecnologias do conhecimento, e fundamentadas na cultura escrita, pensar a dança como um código, assim como a língua é pensada, facilita a compreensão do que deseja ser comunicado em cena. Geralmente, a dança se utiliza do código não-verbal, movimentos, sequências, gestos, expressões, e outros recursos, como cenários, figurinos, adereços, instrumentos e etc, sem necessariamente fazer uso de palavras.

Porém, espetáculos de dança, principalmente, de dança contemporânea podem se utilizar das palavras para estabelecer comunicação com o público. “Faladores” vai além; utiliza a palavra falada e também a palavra escrita, já que leva ao palco canções, diálogos e uma carta.

Pierre Lévy (op. cit.) afirma que a escrita permite uma prática de comunicação radicalmente nova. A partir dela é possível que os discursos sejam separados das circunstâncias particulares em que foram produzidas. Os hipertextos dos autores e receptores podem ser diferentes, dessa forma a comunicação escrita elimina a necessidade da mediação humana.

No espetáculo *Faladores*, um bailarino vai até a frente do palco e abre uma folha de papel, que parece ser uma carta – representante da cultura escrita – faz menção de lê-la, mas não o faz. Neste momento o silêncio fala mais do que uma grande explicação. O bailarino incita a platéia à curiosidade e a pensar sobre aquele gesto.



Uma análise que pode ser feita dessa parte do espetáculo, é que quando o saber está escrito sob um suporte ele pode se tornar indecifrável para aqueles que não compartilham o código utilizado. Porém, para aqueles que compartilham a escrita é uma excelente forma de tornar aquele saber eterno.

A carta é lida posteriormente por outro indivíduo do grupo, e descobre-se naquele momento que se trata de uma lenda, a lenda do salmão voador. Uma narrativa escrita. A lenda é narrada de forma doce e emocionante enquanto um bailarino personifica as palavras através de gestos e com isso facilita a compreensão da lenda pelo público, além de contribuir para que aquele momento ficasse guardado na memória das pessoas.

É necessário refletir que a transmissão oral é sempre arriscada, pois são grandes as chances de adaptações do conteúdo das mensagens que podem levar ao erro. É possível que algumas das pessoas tenham tentado contar a lenda do salmão para outras pessoas que não assistiram ao espetáculo, e provavelmente a narração sofreu alguma mudança. Diante disso, pode-se pensar que as mensagens escritas são mais eficazes no processo comunicacional, pois elas são rígidas e fiéis, porém isso não garante o sucesso da comunicação, os receptores podem não partilhar os mesmos hipertextos dos emissores e atribuírem sentidos diferentes, interpretarem de forma errônea, as mensagens.

O conhecimento e o domínio do código por si só não garantem a qualidade de um trabalho artístico nem que a mensagem será comunicada ou compartilhada. A criatividade, inovação e contextualização no tratamento de tal código são fundamentais para o resultado estético. Nesse sentido, a transgressão do código ou até a utilização do ruído podem ser entendidas como recurso artístico, especialmente em se tratando de formas de arte contemporânea. Em arte, uma “falha de comunicação” pode significar comunicação também, transcendendo o aparente “erro”: pode ser intenção do artista inviabilizar ou dificultar o entendimento para provocar a platéia, para fazer o público refletir ou sair de sua posição de assistência para uma posição mais participativa. (SIQUEIRA, 2007, p.5)

Mário Nascimento se utiliza muito do recurso citado acima, muitas vezes, ele pretende com seus movimentos provocar a platéia, fazê-la encontrar um sentido naquilo que não está obvio.



## **Faladores e a informática**

Em sociedades mais evoluídas tecnologicamente, as técnicas de comunicação e de processamento das informações têm uma tendência à digitalização. Nessa fase, Pierre Lévy (1993) acredita que um mesmo tecido eletrônico pode agregar o cinema, a rádio, a televisão, o jornalismo, a edição, a música, as telecomunicações e a informática. E por que não a dança?

O próprio Lévy (1993, p.108) responde que “A nova escrita hipertextual ou multimídia certamente estará mais próxima da montagem de um espetáculo do que da redação clássica.” Por isso se pode afirmar que a complexidade de um espetáculo de dança está ligada a complexidade da informática. Assim como a era digital é a era da comunicação em rede o espetáculo é uma rede de pessoas que tentam e se comunicam entre si, seja por meio de gestos, movimentos, palavras em diferentes códigos, seja ele o alemão, o português ou o “momoês”.

No final da coreografia de *Faladores*, todos os bailarinos se comunicam entre si, estabelecendo uma comunicação em rede. Um faz um gesto para o outro incitando-o a se pronunciar e assim todos realizando o mesmo movimento personificam o modelo de comunicação “todos para todos”.

Além disso, *Faladores* está presente na informática na medida em que vídeos de promoção do espetáculo estão sendo divulgados pelo site [www.youtube.com.br](http://www.youtube.com.br) e estão linkados na página da Cia Mário Nascimento no site de relacionamentos Orkut. Está última possui fotos de todas as criações da companhia, que servem para divulgar o grupo e inseri-lo na rede.

## **Considerações finais**

É necessário esclarecer que os pólos da oralidade primária, da escrita e da informática propostos por Pierre Lévy não são eras: não correspondem de forma simples a épocas determinadas. A cada instante e a cada lugar os três pólos estão sempre presentes, mas com uma intensidade variável, assim como em cada cena do espetáculo criado pela Cia Mário Nascimento.

No espetáculo a oralidade sobrevive em qualquer dos tempos do espírito, assim como na acontece na vida real. A oralidade não vai se perder através dos tempos, seremos sempre seres “faladores”.



## Referências Bibliográficas

GARAUDY, R. *Dançar a vida*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

LABAN, Rudolf von. *Dança educativa moderna*. São Paulo: Ícone, 1990.

LÉVY, Pierre. Os três tempos do espírito: A oralidade primária, a escrita e a informática. *As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo, Editora 34, 1993. p. 75-132.

KATZ, Helena. Faladores faz da queda dos corpos um gesto artístico. Obra de Mario Nascimento revela inquietação investigativa. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 19 nov. 2008.

**PETO**, Ana Carla. *Terapia através da dança com laringectomizados: um relato de experiência*. Revista Latino-Americana de enfermagem, Ribeirão Preto, vol.8, n.6, p. 3, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. *Comunicação e arte na cidade: reflexões sobre dança contemporânea no Rio de Janeiro dos anos 90*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos. 2007.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. *Corpo, Comunicação e Cultura: a dança contemporânea em cena*. Campinas: Autores Associados.

Cajon Silfus. Disponível em:< <http://www.cajonsilfus.com/>>. 30 mar. 2009.

Cia MN. Programa explicativo do espetáculo *Faladores*. 2009.